

3.12. Gastos Turísticos

Introdução

Nesse capítulo o padrão e o volume dos gastos dos turistas do Pólo serão avaliados. Outro objetivo é estimar as conseqüências desses gastos na geração de renda, com seu impacto no PIB da Bahia e do Pólo Litoral Sul.

Compreender os valores envolvidos na atividade turística é uma das questões mais polêmicas dos estudos relativos ao turismo. Há a necessidade de estimar os gastos, o impacto econômico e o alcance dos investimentos realizados para seu desenvolvimento. É uma necessidade, sobretudo, para monitorar a eficácia das políticas e ações públicas. Entretanto, é um trabalho que se baseia na coleta e processamento de dados e informações através de escolhas de modelagens matemáticas que podem sempre gerar polêmicas.

Na tentativa de não incorrer em erros, utilizou-se fontes recomendadas pelo BID e pelo Estado, baseadas em conceitos de econometria.

A primeira parte deste capítulo trata da estrutura dos gastos dos turistas nos diferentes destinos. Em seguida são apresentados dados sobre a evolução da receita e do fluxo, indicando a receita para os principais mercados emissores. Essa análise é complementada com a informação sobre a permanência média (PM) e o gasto médio diário individual (GMDI) dos principais destinos do Pólo Litoral Sul, além de comparações com outros mercados (no Brasil e no exterior).

A análise dos gastos turísticos se encerra com estimativas de impacto no PIB, geração de renda e emprego para os últimos anos em Salvador e na Bahia.

Para levantamentos que serão apresentados aqui, a Bahiatursa utiliza o conceito denominado de fluxo ampliado, uma estimativa que inclui uma parcela maior de turistas, considerando que alguns hotéis e pousadas não registram a totalidade de seus hóspedes. Essa metodologia segue conceitos recomendados pela Organização Mundial do Turismo (OMT).

Estrutura dos Gastos Turísticos

A partir de 2001, a Bahiatursa vem realizando pesquisas com a estrutura de gastos dos turistas nos principais destinos do Pólo Litoral Sul. As categorias de gastos pesquisadas são: alimentação, hospedagem, transporte, diversão, compras e outros.

As Pesquisas de Demanda utilizadas são as seguintes: Morro de São Paulo, Ilhéus, Valença, Camamu/Maraú (Jan. e Jul. 2001) e Itacaré (Fev. 2002).

A Tabela 3.12.1 apresenta as diferenças entre a estrutura de gastos dos turistas nacionais e estrangeiros. Não há um padrão para o comportamento desses segmentos nos cinco destinos apenas a constatação que os gastos com hospedagem são, em geral, os mais representativos, seguidos dos gastos com alimentação.

Tabela 3.12.1 – Estrutura de Gastos – Destinos Selecionados do Pólo Litoral Sul (%)

Categoria	Morro São Paulo			Ilhéus			Valença			Camamu / Marauí			Itacaré			FIPE*
	Doméstico	Estrangeiro	Média	Doméstico	Estrangeiro	Média	Doméstico	Estrangeiro	Média	Doméstico	Estrangeiro	Média	Doméstico	Estrangeiro	Média	
Alimentação	30,7	32,8	31,3	25,9	24,1	25,9	31,1	31,4	31,2	28,1	31,4	28,3	41,4	39,5	41,2	28,9
Hospedagem	44,4	41,9	43,7	25,1	39,9	25,5	36,9	41,6	36,9	26,3	40,1	26,9	34,9	46,9	36,6	12,4
Transporte	1,1	1,3	1,2	4,1	10,5	4,3	2,8	4,9	2,9	9,6	7,1	9,5	3,4	3,6	3,5	43,9
Diversão	11,3	9,3	10,7	19,2	12,7	19,0	17,1	22,1	17,2	25,5	13,6	24,9	9,6	5,1	9,0	-
Compras	10,3	12,4	10,9	18,0	12,4	17,8	7,3	-	7,2	6,9	7,1	6,9	10,4	4,9	9,6	8,2
Outros	2,2	2,3	2,2	7,7	0,4	7,5	4,8	-	4,7	3,6	0,7	3,5	0,3	0,0	0,2	6,6

(*) Inclui gastos com transporte até o destino turístico

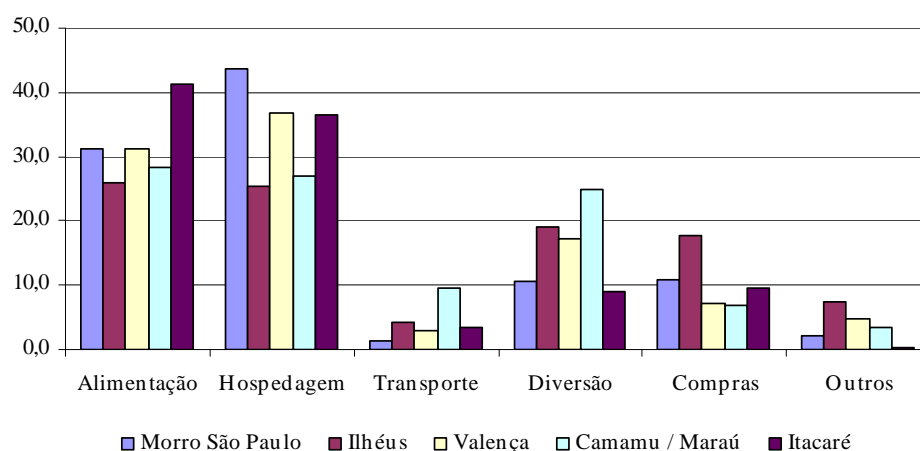
Fonte: PDTs

A última coluna apresenta os dados da EMBRATUR/FIPE sobre o mercado doméstico de turismo no ano de 2001. Nessa pesquisa, realizada após entrevistas com 15.000 pessoas, chegou-se a uma estrutura de gasto onde o transporte representa a maior fatia (inclui o gasto até o destino, o que não é considerado nas PDTs), seguido por alimentação e hospedagem. Apesar das diferenças nos percentuais, o ranking de gastos (excluído o transporte) é condizente com o observado nos destinos do Pólo Litoral Sul.

Itacaré é o destino no qual os gastos com alimentação são os mais representativos, alcançando quase 42% do total de gastos. Tal representatividade deve-se provavelmente ao fato de se encontrar ali boas e variadas opções de restaurantes turísticos, como mostrado no capítulo 3.9 – Qualidade da Oferta Competitiva.

No que se refere ao quesito compras, Ilhéus apresenta os maiores gastos se comparado com os demais destinos, devido a maior infra-estrutura turística proporcionada pelo destino.

Gráfico 3.12.1 – Média da Estrutura de Gastos – Destinos Seleccionados do Pólo Litoral Sul (%)



Fonte: PDTs

Fluxo e Receita Turística

Apesar do crescimento constante no fluxo de turistas desde 1993, apresentado na Tabela 3.12.2, a receita gerada em dólares vem mostrando quedas desde 1998. Nos destinos de Valença e Morro de São Paulo esta queda é constante desde então, com exceção do ano de 2000, quando se verifica um pequeno aumento. Ilhéus se comporta de maneira semelhante a Valença e Morro de São Paulo.

A conversão dos valores em dólares para reais e sua atualização monetária pelo IGPM-FGV, entretanto, traçam um panorama distinto. De fato, como apresentado nas tabelas abaixo, a receita turística demonstra um crescimento contínuo desde 1994, excetuando-se o ano de 2000, cujos resultados foram comprimidos pela menor entrada de receita de mercados internacionais. Ao longo do período, no entanto, a média das taxas anuais de crescimento foi de aproximadamente 12%.

Ao mesmo tempo, dado o crescimento constante do fluxo de turistas, identifica-se uma receita por turista oscilando em torno de R\$ 450,00, sem tendência expressiva de crescimento ou queda. Essa situação demonstra que o aumento da receita turística, tal como vem sendo observado, está exclusivamente relacionado com o aumento do fluxo. Isso demonstra que as estratégias devem efetivamente enfatizar um processo de crescimento prioritário de receita por turista. Para tanto, a diferenciação dos produtos e a agregação de valor na oferta aos turistas são elementos fundamentais.

Tabela 3.12.2 – Evolução do Fluxo Turístico – Principais Destinos/Pólo Litoral Sul (turistas)

Ano	Morro de São			Fluxo Total
	Valença*	Paulo*	Ilhéus	
1993	93.060		145.540	238.600
1994	102.040		159.580	261.620
1995	101.780		159.170	260.950
1996	123.430		193.020	316.450
1997	129.870		197.370	327.240
1998	150.120		225.180	375.300
1999	161.480		242.220	403.700
2000	165.990		248.990	414.980
2001	59.560	99.260	238.230	397.050

(*) Até 2000 os dados sobre fluxo turístico em Valença e Morro de São Paulo eram agregados

Fonte: Desempenho do Turismo Baiano 1991/2000 e 1991/2001 – Bahiatursa
*Até o ano de 2000, os valores de Valença e Morro de São Paulo eram agregados

Tabela 3.12.3 – Evolução da Receita Turística dos Principais Destinos – Pólo Litoral Sul

Ano	US\$			Receita Total	R\$ mil de 2001			Receita Total
	Valença*	Paulo*	Ilhéus		Valença*	Paulo*	Ilhéus	
1994	17.060		32.800	49.860	29.858		57.406	87.264
1995	24.570		47.250	71.820	39.458		75.881	115.339
1996	28.270		54.370	82.640	45.190		86.910	132.100
1997	29.540		63.300	92.840	47.335		101.432	148.766
1998	31.130		68.100	99.230	52.639		115.152	167.791
1999	27.210		59.510	86.720	59.775		130.731	190.506
2000	27.410		59.970	87.380	55.367		121.137	176.504
2001	9.540	15.900	55.640	81.080	22.419	37.365	130.754	190.538

Fonte: Desempenho do Turismo Baiano 1991/2000 e 1991/2001 – Bahiatursa
Elaboração: FGV
Correção pelo IGPM-FGV

*Até o ano de 2000, os valores de Valença e Morro de São Paulo eram agregados

Tabela 3.12.4 – Evolução da Receita por Turista – Principais Destinos

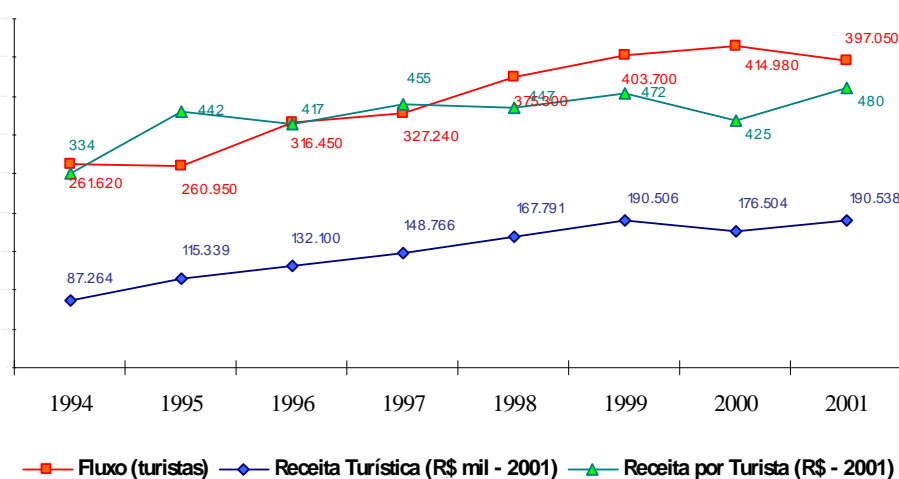
Ano	US\$			R\$ de 2001		
	Valença*	Paulo*	Média PLS	Valença*	Paulo*	Média PLS
1994	167,19	205,54	190,58	292,61	359,73	333,55
1995	241,40	296,85	275,23	387,68	476,73	442,00
1996	229,04	281,68	261,15	366,12	450,27	417,44
1997	227,46	320,72	283,71	364,48	513,92	454,61
1998	207,37	302,42	264,40	350,64	511,38	447,09
1999	168,50	245,69	214,81	370,17	539,72	471,90
2000	165,13	240,85	210,56	333,56	486,51	425,33
2001	160,00	160,00	204,21	376,41	376,44	479,88

Fonte: Desempenho do Turismo Baiano 1991/2000 e 1991/2001 – Bahiaturisa
Elaboração: FGV

Correção pelo IGPM-FGV

*Até o ano de 2000, os valores de Valença e Morro de São Paulo eram agregados

Gráfico 3.12.2 – Evolução do Fluxo, Receita por Turista e Total – Pólo Litoral Sul



Fonte: Desempenho do Turismo Baiano 1991/2000 e 1991/2001 - Bahiaturisa

Análise Global do Fluxo e Receita Turística

Os turistas da Região Sul do Brasil são os que geram maior receita média, seguidos dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais – Região Sudeste – e Goiás e Distrito Federal – Região Centro-Oeste. Apesar de grandes emissores, os Estados do Nordeste (exceto o Rio Grande do Norte, com um dos maiores valores entre os principais emissores) apresentam uma receita por turista baixa.

No segmento internacional, por sua vez, percebe-se uma grande variação nos valores, o que dificulta a análise. Ao longo dos anos, residentes de todos os países descritos geraram

receitas médias interessantes, indicando bom potencial de gasto. Em 2000, americanos, chilenos, italianos e franceses apresentaram os maiores valores médios.

As tabelas abaixo apresentam a receita por destino, tanto nos principais Estados brasileiros quanto nos maiores destinos internacionais. A Tabela 3.12.5 apresenta os dados sobre os destinos nacionais, elaborados segundo a pesquisa FIPE/EMBRATUR de 2001. A seguinte (Tabela 3.12.6), disponibiliza dados da OMT para os principais destinos internacionais em 1998. Nota-se a diferença entre os dados da Bahiaturisa e os dados da FIPE/EMBRATUR no que diz respeito à receita total na Bahia. Para valores de 2000 (US\$=R\$1,83) a receita do turismo baiano, segundo a Bahiaturisa foi de aproximadamente R\$ 1.568 milhões. Pela pesquisa FIPE/EMBRATUR a receita foi de R\$ 4.477 milhões (2001).

Entretanto, a comparação interna permite avaliar a posição da Bahia em relação aos demais destinos do Brasil. Percebe-se que a receita por turista na Bahia só fica atrás da receita por turista no Ceará. Em comparação com os outros países, a receita por turista na Bahia é maior que as apresentadas no México, França e Canadá.

Tabela 3.12.5 - Receita Média por Turista – Estados com Maior Receita Turística (2001)

Estado	Receita turística (R\$ milhões)	Turistas (mil)	Receita / turista (R\$)	Receita / turista (US\$) *
São Paulo	7.811	10.501	743,84	316,53
Rio de Janeiro	3.581	4.364	820,70	349,23
Bahia	4.477	3.888	1.151,57	490,03
Minas Gerais	1.868	3.875	482,09	205,14
Paraná	1.523	2.954	515,36	219,30
Ceará	3.861	2.679	1.441,21	613,28
Rio Grande Sul	1.731	2.675	647,11	275,37
Santa Catarina	2.009	2.407	834,70	355,19
Rio Grande Norte	1.426	1.634	872,66	371,35
Pernambuco	1.800	1.599	1.126,10	479,19
Paraíba	643	850	757,20	322,21
Maranhão	396	594	667,00	283,83
Sergipe	505	540	936,66	398,58
Alagoas	398	519	767,21	326,47

Fonte: FIPE/EMBRATUR, Elaboração: FGV

(*) Dólar médio - R\$ 2,35 (2001)

Tabela 3.12.6 – Receita Média por Turista – Países com Maior Receita Turística (1998)

País	Receita turística (US\$ milhões)	Chegadas	
		internacionais (mil)	Receita / turista (US\$)
Estados Unidos	74.240	47.127	1.575,32
Itália	30.247	34.829	868,44
França	29.700	70.000	424,29
Espanha	29.585	47.743	619,67
Reino Unido	21.295	25.475	835,92
Alemanha	16.840	16.504	1.020,36
China	12.500	24.000	520,83
Áustria	12.164	17.282	703,85
Canadá	9.133	18.659	489,47
Polônia	8.400	18.820	446,33
Turquia	8.300	9.200	902,17
Suiça	8.208	11.025	744,49
México	7.850	19.300	406,74

Fonte: OMT; Elaboração: FGV

Permanência Média (PM) e Gasto Médio Diário Individual (GMDI)

As PDTs apresentam informações sobre os gastos e a permanência dos turistas nos principais destinos. O produto da permanência média pelo gasto médio diário individual resulta em uma outra estimativa de receita por turista. A Tabela 3.12.7 apresenta os dados. As informações foram disponibilizadas por segmento emissor, já que o comportamento de emissores nacionais e estrangeiros são distintos e internamente homogêneos.

Tabela 3.12.7 – PM e GMDI – Principais Destinos do Pólo Litoral Sul

Indicador	Segmento	Morro de	Ilhéus	Valença	Camamu /	Itacaré
		São Paulo			Marauá	
GMDI * (US\$)	Nacional	29,20	18,90	17,20	17,00	23,10
	Internacional	29,00	31,50	25,50	35,80	16,30
	Total	28,50	19,30	17,30	17,70	22,40
PM ** (dias)	Nacional	5,00	9,70	5,90	10,20	7,40
	Internacional	7,20	9,70	2,00	12,90	7,50
	Total	5,70	9,70	5,90	10,30	7,40
Receita / turista (US\$)	Nacional	146,00	183,33	101,48	173,40	55,50
	Internacional	208,80	305,55	51,00	461,82	122,30
	Média	162,45	187,21	102,07	182,31	165,76

(*) Gasto Médio Diário Individual; (**) Permanência Média

Fonte: PDTs

O segmento internacional aponta com os maiores gastos médios individuais em todos os destinos pesquisados exceto em Itacaré e Morro de São Paulo. Neste último os GMDIs são praticamente os mesmos em ambos os segmentos de turista. O GMDI dos visitantes de

Morro de São Paulo é o mais alto do grupo de destinos, seguido de Itacaré e Ilhéus. Camamu e Ilhéus apresentam os mais altos valores no segmento internacional.

Camamu/Maraú e Ilhéus possuem as permanências médias mais elevadas, são também os destinos com maior receita por turista. Entretanto, Morro de São Paulo consegue praticamente a mesma receita por turista por conta do maior GMDI. Este fato pode ser resultado do baixo índice (em comparação aos demais destinos) de turistas que se hospedam em residências de familiares, amigos e próprias (capítulo 3.11 - Perfil do Turista).

Em relação à receita por turista, vê-se que Ilhéus apresenta a maior média e Camamu/Maraú conseguem uma receita por turista internacional que representa 9 vezes a de Valença, sinalizando que o aproveitamento do potencial turístico deste último município ainda não foi explorado.

Pelas Pesquisas de Demanda Turística elaboradas pela Bahiatursa, há um cruzamento que permite identificar o GMDI por origem dos turistas e motivação da viagem. Os resultados são apresentados na Tabela 3.12.8. A análise horizontal permite identificar as motivações que geram maior gasto individual diário. Como regra geral, os turistas com motivação relacionada à trabalho e negócios são os que apresentam maiores valores, quase sempre bem acima da média. Generalizando, ainda, pode-se identificar que os visitantes a passeio possuem valores ligeiramente acima da média, mas ainda inferiores aos resultados dos viajantes de negócio e trabalho. Aqueles que viajam para visitar parentes e amigos, por sua vez, geram baixos gastos diários individuais.

A análise vertical indica os mercados emissores com maiores gastos. Os turistas estrangeiros, apesar da pequena representatividade, geralmente são os que apresentam maiores valores de gasto diário individual. Os viajantes regionais (Nordeste) são os mais representativos em termos absolutos, mas são os que possuem menor gasto diário individual, sempre abaixo da média. Os turistas do Sudeste e os do Centro-Oeste representam um grupo de porte razoável e gasto individual diário mediano. Os turistas do sul, enfim, são um grupo de pequena representatividade e gasto individual geralmente acima da média.

As perspectivas de incremento da oferta turística estruturada permitem resultar em maior receita por turista, dada a maior participação de turistas com motivação de passeio e a maior oferta de atividades que gerem gastos. O aumento da participação de turistas não-regionais, por sua vez, acrescenta turistas com maiores gastos médios individuais, reforçando as expectativas de aumento de receita por turista.

Tabela 3.12.8 – GMDI (US\$) por Mercado Emissor e Motivação da Viagem (2001)

Local	Origem	Gasto Médio Diário Individual (US\$)					Média	% Sobre Total de Turistas
		Passeio	Visita	Negócios	Trabalho			
Morro de São Paulo	Norte	40,6	-	-	-	40,6	0,6%	
	Nordeste	27,7	33,5	25,7	6,3	26,9	26,7%	
	Centro-Oeste	26,3	19,1	-	-	25,6	8,2%	
	Sudeste	31,0	35,9	60,9	101,5	30,7	29,7%	
	Sul	33,1	-	-	-	33,1	5,1%	
	Outros Países	30,2	19,1	54,6	20,0	29,0	29,7%	
	Média	29,2	24,2	43,4	47,1	28,5	-	
Valença	Norte	51,0	-	-	-	51,0	0,8%	
	Nordeste	17,0	11,1	6,9	68,5	14,4	48,7%	
	Centro-Oeste	20,2	13,3	-	-	18,6	20,2%	
	Sudeste	26,0	13,0	-	12,5	16,8	27,1%	
	Sul	20,7	-	-	-	20,7	1,6%	
	Outros Países	25,5	-	-	-	25,5	1,6%	
	Média	21,1	13,3	6,9	57,8	17,3	-	
Camamu - Marauá	Nordeste	16,3	14,7	47,6	50,8	16,9	65,6%	
	Centro-Oeste	11,5	-	-	-	11,5	4,7%	
	Sudeste	24,0	10,6	-	-	21,4	21,6%	
	Sul	10,4	21,0	-	-	10,6	3,4%	
	Outros Países	35,8	-	-	-	35,8	4,7%	
	Média	17,7	13,8	47,6	50,8	17,7	-	
Ilhéus	Nordeste	16,5	9,4	18,5	29,2	16,5	30,4%	
	Centro-Oeste	21,3	5,9	38,1	50,8	18,9	20,4%	
	Sudeste	21,0	10,3	40,5	13,1	18,2	42,3%	
	Sul	33,4	-	217,5	20,3	43,5	4,0%	
	Outros Países	34,4	19,1	25,0	-	31,5	2,9%	
	Média	21,1	9,6	32,5	16,7	19,3	-	

Fonte: Bahiatursa (PDT)

Na Tabela 3.12.9 são apresentados os dados da permanência média por origem e motivação. Da mesma forma que na análise anterior, uma avaliação horizontal demonstra que há diferenças entre a permanência média dos turistas dos diferentes grupos. Curiosamente, no Pólo Litoral Sul os turistas de negócios e a trabalho possuem altos valores de permanência média. Dado que tendem a gerar um alto valor de gasto diário, são um dos principais geradores de receita para o Pólo. Os turistas com motivação de visita, por sua vez, apresentam permanência média alta, geralmente maior que a média. Os turistas com motivação de passeio possuem valores próximos à média.

Em relação à origem, os turistas estrangeiros possuem permanência média igual ou maior que os demais. Já os turistas regionais, entretanto, possuem comportamento oposto, ficando sempre menos dias que a média. Esse fato indica a possibilidade de pequenas viagens de curta estadia. Como também apresentam menores valores de gasto diário individual, é um mercado que gera pouca receita proporcionalmente ao fluxo existente. Outros mercados importantes, em termos absolutos, são os do Sudeste e Centro-Oeste. Possuem uma participação representativa e geram valores de permanência próximos à média.

Como citado anteriormente, as expectativas de estruturação de uma atividade turística focada na motivação de passeio permitirá agregar novas atividades e gerar maior atratividade para mercados não-regionais. Esses dois fatos, em conjunto, deverão gerar maiores valores de permanência média para o destino. Em que pese a menor participação relativa dos turistas que visitam parentes e amigos (com maior permanência média) e a perspectiva de busca por passeios mais curtos, no entanto, espera-se que haja crescimento mediano dessa variável.

Tabela 3.12.9 – PM (dias) por Mercado Emissor e Motivação da Viagem (2001)

Local	Origem	Permanência Média (dias)				Média	% Sobre Total de Turistas
		Passeio	Visita	Negócios	Trabalho		
Morro de São Paulo	Norte	3,5	-	-	-	3,5	0,6%
	Nordeste	3,8	4,8	7,0	4,0	4,0	26,7%
	Centro-Oeste	6,8	10,0	-	-	6,9	8,2%
	Sudeste	4,8	5,5	4,5	32,0	5,5	29,7%
	Sul	4,6	-	-	-	4,4	5,1%
	Outros Países	6,8	14,8	8,0	2,0	7,2	29,7%
	Média	5,3	8,7	6,2	17,5	5,7	-
Valença	Norte	1,0	-	-	-	1,0	0,8%
	Nordeste	4,1	4,8	10,8	1,8	4,7	48,7%
	Centro-Oeste	8,3	11,8	-	-	8,6	20,2%
	Sudeste	3,9	19,7	-	1,0	6,5	27,1%
	Sul	3,0	-	-	-	3,0	1,6%
	Outros Países	2,0	-	-	-	2,0	1,6%
	Média	5,0	9,1	10,8	1,7	5,9	-
Camamu - Maraú	Nordeste	10,3	8,6	4,0	4,0	9,8	65,6%
	Centro-Oeste	12,7	-	-	-	12,7	4,7%
	Sudeste	8,4	18,7	-	-	9,2	21,6%
	Sul	18,5	29,0	-	-	20,6	3,4%
	Outros Países	12,9	-	-	-	12,9	4,7%
Média	10,4	10,6	4,0	4,0	10,3	-	
Ihéus	Nordeste	7,1	6,7	7,5	3,0	6,6	30,4%
	Centro-Oeste	9,5	11,6	3,0	4,0	9,6	20,4%
	Sudeste	10,3	14,5	12,8	18,6	12,1	42,3%
	Sul	8,9	-	7,0	5,8	7,9	4,0%
	Outros Países	9,3	15,0	2,0	0,0	9,7	2,9%
Média	9,1	11,8	9,2	10,4	9,7	-	

Fonte: Bahiatursa (PDT)

Conclusão

Impacto no PIB

O impacto no PIB é a participação que o efeito total dos gastos turísticos (efeito direto mais efeitos secundários) tem no PIB regional. Para melhor estimar o impacto é necessário que o

gasto de cada segmento conhecido seja multiplicado pelo seu respectivo multiplicador. O efeito total, pelos cálculos da Bahiatursa, é o produto dos gastos turísticos pelo multiplicador de gastos. O método de cálculo do impacto é apresentado a seguir.

Multiplicador de gastos (MT_G)

Gastos diretos geram gastos indiretos (gastos relacionados com a cadeia produtiva do bem/serviço oferecido) e gastos induzidos (gastos na economia local gerados pelo aumento da renda dos beneficiados).

$$MT_G = GT / GD$$

GT = GD + Gidr + Gidz, onde

GT = Gastos Totais

GD = Gastos Diretos

Gidr = Gastos Indiretos

Gidz = Gastos Induzidos

A Bahiatursa utiliza em seus cálculos as seguintes estimativas de multiplicadores:

Multiplicador	Valor	Responsável pelo Estudo
MT _G Internacional	2,85	FIPE
MT _G Nacional	1,75	OMT / EMBRATUR

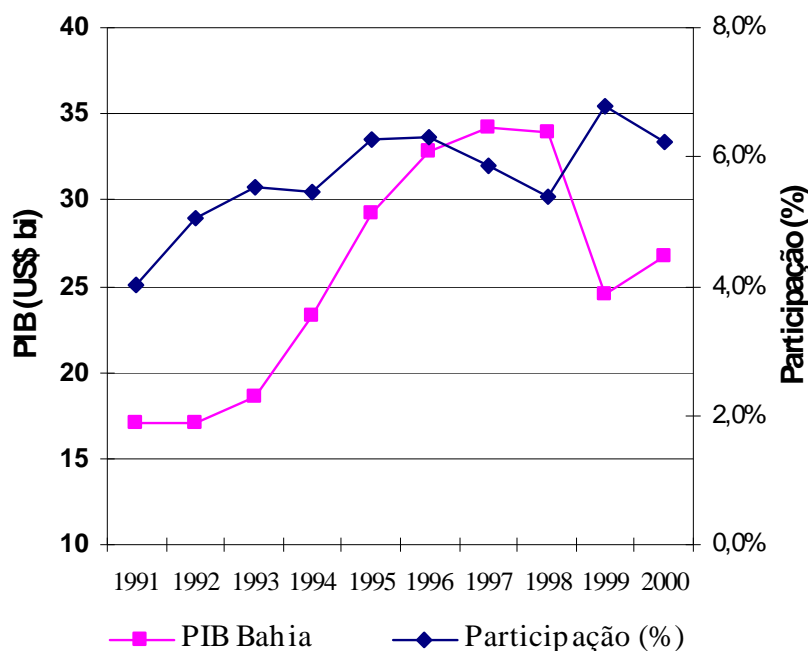
Assim, analisando o segmento nacional e o internacional chega-se aos seguintes números:

Tabela 3.12.10 – Participação da Renda Turística no PIB da Bahia (US\$ bi)

Ano	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
PIB Bahia	16,99	16,99	18,63	23,28	29,22	32,84	34,19	33,93	24,49	26,7
Renda Turística	0,680	0,860	1,030	1,270	1,830	2,070	2,000	1,830	1,660	1,660
Participação (%)	4,0%	5,1%	5,5%	5,5%	6,3%	6,3%	5,8%	5,4%	6,8%	6,2%

Fonte: Desempenho do Turismo Baiano 1991-2001 – Bahiatursa

Gráfico 3.12.3 – Evolução da Participação do Turismo no PIB Baiano



Fonte: Desempenho do Turismo Baiano 1991-2002 – Bahiatursa

Impacto nos PIBs Municipais

As estimativas para o PIB do Pólo Litoral Sul foram baseadas em números oficiais da SEI. Pelos cálculos, a soma do PIB de todos os municípios foi de R\$ 982 milhões em 1998. Para o mesmo ano, o PIB baiano foi de R\$ 38,7 bilhões. A proporção entre os dois foi de 2,54%. Mantendo essa proporção para o PIB de 2001, temos um PIB estimado em R\$ 1,32 bilhões para o Pólo em 2001.

Pela Tabela 3.12.3 – Evolução da Receita Turística dos Principais Destinos – Pólo Litoral Sul, a receita gerada nos principais destinos do Pólo com gastos turísticos nacionais e internacionais foi de US\$ 75,9 milhões (2001), incrementando o PIB (também pelo método dos multiplicadores) em US\$ 142,1 milhões (ver Tabela 3.12.11).

Assim, considerando o PIB de 2001 (R\$1,32 bilhões), e a contribuição do turismo dos principais destinos do Pólo Litoral Sul, representando aproximadamente R\$ 333,9 milhões (US\$ 1 = R\$ 2,35¹), temos um impacto do turismo nos principais destinos no PIB de 25,3%. Se fossem disponíveis mais dados sobre fluxo e receita turística no restante do Pólo, seriam detectadas outras fontes de renda turística, gerando um valor ainda maior. Mesmo assim, trata-se de um valor extremamente representativo para a economia local.

¹ Dólar comercial médio para 2001 (FGV)

Renda

A renda gerada pelas vendas inclui os salários e demais benefícios repassados aos trabalhadores do setor turístico. Segundo dados da Bahiatursa, o impacto do turismo na Bahia para o ano de 2001 foi de US\$ 1.410 milhões, sendo que a parte distribuída para salários foi estimada em US\$ 509 milhões (36,1% do total). Mantendo-se a proporção para a receita agregada nos principais destinos do Pólo Litoral Sul, chega-se aos seguintes números:

Tabela 3.12.11 - Estimativa de Impacto das Receitas Turísticas no PIB – US\$ mil (2001)

Turistas	Receita	Multiplicador	Impacto PIB	% Total	Renda
Nacionais	72.375,91	1,75	126.657,85	83,6%	45.723,48
Internacionais	8.704,09	2,85	24.806,65	16,4%	8.955,20
Total	81.080,00	-	151.464,50	-	54.678,68

*Fonte: Desempenho do Turismo Baiano 1991-2000 e 1991-2001;
Elaboração: FGV*

Os gastos turísticos são responsáveis por uma parcela considerável do PIB baiano e do Pólo Litoral Sul. Comparados com outros países e Estados, os valores da Bahia estão bem posicionados, mas demonstram que há espaço para crescimento tanto no gasto médio diário individual (GMDI) como na permanência média. O aumento pode ser atingido pela diversificação e diferenciação de produtos; pelo fomento de novos complexos turísticos e empreendimentos a exemplo dos em desenvolvimento em Itacaré; ou pela revitalização de destinos como Morro de São Paulo e Valença. Com mais opções de atividades, os turistas ficariam mais dias no Pólo Litoral Sul (aumento da permanência média). Com a melhoria na formatação de produtos turísticos haveria maior aproveitamento do fluxo (aumento do GMDI).